

## A política externa e o projeto nacional da Frelimo no cinejornal moçambicano *Kuxa Kanema* (1978-1981)

Pedro Barbosa<sup>1</sup>, PUCRS

### Resumo

O cinejornal moçambicano *Kuxa Kanema*, produzido pelo órgão estatal Instituto Nacional de Cinema, era utilizado pela Frelimo, partido único do país, como um instrumento de propaganda e de promoção do projeto político nacional. Nesse sentido, a narrativa construída pelo mesmo em relação à política externa pode ser observada se moldando aos objetivos políticos do movimento em diferentes contextos. Entre 1978 e 1979, quando buscava estabelecer um projeto marxista-leninista e se preparava para uma Guerra Civil que ainda se iniciava, um discurso de aproximação com o chamado “Bloco Soviético” pode ser percebido. Já em 1981, quando essa busca por aproximação se mostrou frustrada a partir de uma negativa na candidatura do país ao COMECON, a Frelimo apelou para uma política externa mais aberta e focada nos interesses regionais do país.

**Palavras-chave:** Kuxa Kanema, Política Externa, Samora Machel, Frelimo.

### Abstract

The Mozambican film newspaper *Kuxa Kanema*, produced by the state agency Instituto Nacional de Cinema, was used by Frelimo, the country's only party, as an instrument for propaganda and promotion of the national political project. In this sense, the narrative constructed by the same in relation to foreign policy can be observed as being shaped to the political objectives of the movement in different contexts. Between 1978 and 1979, when he sought to establish a Marxist-Leninist project and was preparing for a Civil War that was still beginning, a discourse of rapprochement with the so-called "Soviet Bloc" can be perceived. Already, in 1981, when this search for rapprochement proved frustrated by the country's lack of candidacy for COMECON, Frelimo called for a more open foreign policy focused on the country's regional interests.

**Keywords:** Kuxa Kanema, Foreign Policy, Samora Machel, Frelimo.

### Introdução

O contexto político em que se inserem as descolonizações na África, comumente chamado de “Guerra Fria”, exige que se leve em conta um mundo entre tensões e influências, no qual a questão internacional não pode ser excluída. Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), as duas principais potências do período, se colocavam como parte ativa dos processos políticos ao redor do mundo, oferecendo apoio a movimentos políticos, realizando alianças, prestando ajuda militar, refutando perante a comunidade internacional, realizando guerras e negociando a paz. Além deles, a China, que nasce nessa disputa atrelada

---

<sup>1</sup> Formado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), concluiu um mestrado na mesma instituição com a pesquisa “O Mito do Homem Novo: A imagem de Samora Machel no cinejornal *Kuxa Kanema*” (2019), que origina o presente artigo. Atualmente é doutorando ainda no programa de pós-graduação em história da PUCRS.

a URSS, na década de 1960 passou a atuar como uma “terceira força” no cenário global, tornando o período ainda mais complexo. Quando se leva em consideração ainda os países nórdicos europeus, os partidos socialistas à oeste do Velho Continente, as ditaduras militares na América Latina, os conflitos no Oriente Médio e demais processos que estavam em curso na época, percebe-se finalmente o quão labiríntico é esse cenário. A forma como um país se colocava diante das inúmeras bifurcações que essa realidade representa certamente diz muito sobre sua política.

O caso moçambicano é significativo a partir dessas considerações. A Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) foi um movimento anticolonial que realizou uma guerra contra o regime português no país entre 1964 e 1974, tendo sido privilegiado nas negociações pela sua independência. Em 25 de junho de 1975, quando aconteceu a descolonização, tornou-se partido político em um regime de partido único. Samora Machel, seu líder à época, tornou-se então o primeiro presidente do país, cargo no qual permaneceu até sua morte em 1986.

Ao chegar no poder, Machel precisou lidar com a complexidade do contexto que foi citado. O impacto da questão internacional na região fica evidente na análise dos países que fazem fronteira com Moçambique: ao sul a África do Sul, potência continental capitalista, passava pelo regime racista do Apartheid e era apoiada pelos EUA; a oeste estava primeiramente a Rodésia do Sul, que assim como a África do Sul era governada por uma elite branca apoiada pelos EUA. Em 1980, entretanto, a Zimbabwe African National Union (ZANU), movimento de oposição, chegou ao poder no país, mudando seu nome para Zimbabwe e assumindo a via socialista, com apoio tanto da URSS quanto da China; A noroeste encontra-se a Zâmbia, que também adotava um regime socialista, entretanto sem alinhamento internacional, baseando seu regime em princípios católico-humanistas; ainda a noroeste encontra-se o Malawi, que era associado ao capitalismo e aos Estados Unidos, mas que não adotava preceitos racistas; por fim, ao norte está a Tanzânia, que assumia uma via socialista arraigada no tradicionalismo africano e associada ao maoísmo chinês.

É em meio a esse quadro que Samora Machel buscou estabelecer um sentimento de nacionalismo em Moçambique a partir da independência do país através da promoção de um “Homem Novo”, um cidadão que deixaria para trás todo o seu passado “tribal” (expressão utilizada pelas lideranças da Frelimo na época) e tradições étnicas, renegaria tanto o colonialismo quanto o capitalismo, e assumiria os valores modernos da unidade nacional e do “marxismo-leninismo”, doutrina assumida pelo partido em 1977, durante seu 3º Congresso.

A opção por essa via precisa ser entendida no prisma da guerra anticolonial pela qual o país passou. Conforme Wested (2007), durante esse período a Frelimo via os EUA como uma opção de alinhamento internacional inviável, visto que o governo americano possuía relações amigáveis com o regime colonial português, além de ser aliado do regime do *apartheid* na África do Sul, visto como um inimigo regional pelo movimento. Além disso, uma forte retórica anticomunista do regime lusitano, bem como o próprio contexto intelectual da época, fazia com que os africanos se identificassem com o discurso marxista. Assim sendo, desde o princípio houve uma tendência a essa via, que se fortaleceu uma vez que os regimes socialistas da URSS e da China, bem como diversos outros, passaram a apoiar a guerrilha moçambicana. Qual a via socialista, entretanto, é uma questão que deve ser discutida, visto que Martin (2012) afirma que o socialismo de Samora Machel sofria muita proximidade com o projeto político de Amílcar Cabral, que propunha uma reafricanização dos espíritos, muito relacionada a própria realidade da Guiné-Bissau. Já Maloa (2011) afirma que a principal influência desse regime seria o socialismo africano, proposto por Julius Nyerere, que vislumbrava um “socialismo africano”, associado as suas sociedades tradicionais, rechaçando o modelo estabelecido na URSS. A decisão oficial quanto a isso, entretanto, está no âmbito do 3º Congresso da Frelimo, que aconteceu em 1977. O modelo adotado pelo partido, anunciado por Samora Machel, foi o chamado Socialismo Científico, que se baseava especialmente no modelo soviético em suas políticas.

Aqui é importante citar alguns dados pragmáticos que podem estar relacionados a essa decisão: 1) a URSS possuía um enorme poderio econômico, e condições para incluir ou não Moçambique no grupo econômico “Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON);<sup>2</sup> 2) URSS e China eram as principais potências internacionais no cenário socialistas, e principais apoiadoras da Frelimo durante a guerra anticolonial. O cenário de conflitos políticos ocasionados pela morte de Mao Tsé-Tung na China pode ter ocasionado uma pendência para a “via soviética” moçambicana;<sup>3</sup> 3) Moçambique estava localizada em uma região de extrema tensão política, e o envolvimento em um conflito armado contra a RENAMO já havia se iniciado no contexto do Congresso, de modo que aliar-se a URSS, uma

---

<sup>2</sup> O COMECON foi uma organização internacional fundada em 1949 que visava a integração econômica dos países socialistas. Em sua fundação, era composto apenas por países do Leste Europeu, entretanto com o tempo passou a aceitar demais países socialistas, como Cuba e Vietnã.

<sup>3</sup> Duas linhas, a facção de Deng Xiaoping, relacionada a Zhou Enlai, e o “Bando dos Quatro”, liderado por Jiang Qing, esposa de Mao Tsé-Tung, disputavam o poder no país após sua morte. Os relatos dessa disputa são descritos por Dikotter (2016).

grande potência militar, poderia significar também receber apoio nesse campo.<sup>4</sup> As políticas implantadas passam então a ser no sentido da construção desse socialismo científico. Vão ser criadas aldeias comunais e assembleias populares, técnicos soviéticos e do Leste Europeu serão cooptados para auxiliar no projeto de planificação econômica, diversas empresas vão ser nacionalizadas e os currículos escolares reorganizados.

É crucial citar, entretanto, que em 1981 a candidatura do país ao COMECON foi recusada, frustrando suas expectativas de um maior apoio econômico vindo do Leste Europeu. Segundo aponta Matshine (2011), isso representa uma abertura política de Moçambique, que se permite a uma flexibilização do regime socialista e maior aproximação com o mundo ocidental. Ao longo da década de 1980 o país aumenta então sua atuação regional, liberaliza a economia e, em 1984, adere ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial, buscando combater uma crise econômica que aumentava cada vez mais como efeito de uma Guerra Civil que tomava proporções cada vez maiores.

A proposta na presente pesquisa é então perceber a narrativa construída pela Frelimo sobre a questão internacional através do cinejornal *Kuxa Kanema*.<sup>5</sup> Produzido pelo Instituto Nacional de Cinema (INC), o programa semanal era baseado em modelos de cinejornal produzidos em outros países socialistas, especialmente em Cuba.<sup>6</sup> O uso político do cinema no país era notável. O INC é apontado por Watkins (1995) como o mais poderoso centro de engajamento político da África, e por Schefer (2012) como parte de um projeto marxista e nacionalista do país. O *Kuxa Kanema*, por sua vez, é definido por Convents como “um instrumento do partido de mobilização contra o inimigo” (CONVENTS, 2011, p. 471). Assim

---

<sup>4</sup> A Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) foi um movimento formado na Rodésia do Sul em 1975 que se opunha a Frelimo. Sua origem se dá, segundo demonstra Tavuyanago (2011), a partir de dois fatores: 1) a existência de um grupo de ex-combatentes da Frelimo que, após conflitos no movimento, foram expulsos e, após a independência, passou a reivindicar participação política no país; 2) os conflitos regionais. Tanto o movimento anticolonial da Rodésia do Sul quanto o movimento anticolonial da África do Sul eram socialistas e apoiados pela Frelimo, e esses países passaram a apoiar a formação de um grupo anticomunista como forma de combater o regime moçambicano. Assim, a RENAMO iniciou ainda em 1976 uma guerra-civil possuindo apoio desses regimes que perdurou até 1992, quando foi assinado um acordo de paz e o país passou a adotar o multipartidarismo.

<sup>5</sup> Uma obra cinematográfica vista como narrativa aparece definida da seguinte maneira: “a narrativa é o enunciado em sua materialidade, o texto narrativo que se encarrega da história a ser contada. Porém, esse enunciado que, no romance, é formado apenas de língua, no cinema compreende imagens, palavras, menções escritas, ruídos e música, o que já torna a organização da narrativa fílmica mais complexa” (AUMONT...et al, 2002, p. 106). Assim, a análise aqui realizada leva em conta justamente “a voz narrativa” em torno da questão internacional no cinejornal *Kuxa Kanema*, sem levar em conta questões mais técnicas das imagens, a menos que as mesmas sejam fundamentais na construção narrativa das cenas citadas.

<sup>6</sup> Fundado no primeiro ato cultural do governo de Samora Machel, essa instituição ganhou destaque na comunicação do país, atraindo diretores de renome internacional como Jean Rouch, Jean-Luc Godard, Santiago Álvarez e Ruy Guerra a Moçambique. Sua importância é declarada por Patraquim, um dos mais importantes roteiristas da instituição, que afirma que ela não fazia parte do ministério da cultura, como acontecia com órgãos semelhantes, mas sim do ministério da informação.

sendo, ele se mostra uma fonte relevante na compreensão de como a própria FRELIMO construía uma narrativa sobre suas relações internacionais.<sup>7</sup> O recorte temporal aqui trabalhado se dá em dois momentos: entre 1978-1979, quando, um ano após o país assumir a via “marxista-leninista”, foi produzida uma primeira fase do cinejornal; e em 1981, quando a segunda fase passou a ser exibida, no mesmo ano em que Moçambique foi rejeitado no COMECON.

### **A política externa na primeira fase do *Kuxa Kanema***

A questão das relações internacionais moçambicanas na primeira fase do cinejornal *Kuxa Kanema* ganha grande visibilidade, uma vez que as reportagens mais longas da amostragem são justamente sobre a temática. Essas imagens tratam-se, basicamente, de quatro reportagens que retratam a visita de autoridades estrangeiras ao país. Essas autoridades são: Pak Song-Chol, vice-presidente da República Popular Democrática da Coreia; Agostinho Neto, presidente da Angola; Erich Honecker, secretário-geral e principal governante da República Democrática Alemã; e Todor Jivkov, presidente do Conselho de Estado e principal governante da República Popular da Bulgária.

Um primeiro ponto que pode ser apontado é que se tratam de países socialistas aliados ao chamado “bloco soviético”<sup>8</sup>. Isso já denota, por si só, uma narrativa que associa Moçambique a esse alinhamento político através do cinema. Além disso, a mensagem em todos os casos é bastante clara: são países “amigos”, que apoiavam o povo moçambicano desde o período da guerra anticolonial e que agora participavam de uma grande cooperação internacionalista pela liberdade dos povos. Isso é perceptível em questões discursivas, uma vez que tanto a retórica de Samora Machel e dos visitantes, quanto os textos da locução, possuem uma mensagem nesse sentido. Mas também é perceptível através da narrativa visual, que enquadra constantemente uma população mobilizada e engajada na recepção desses

---

<sup>7</sup> Em 1991 ocorreu um incêndio de grandes proporções na sede do INC, e grande parte de seu acervo foi perdido. O acesso as edições do cinejornal a partir disso passou a ser muito difícil. Em 2013, entretanto, a partir de uma iniciativa do Ministério para a Cooperação e Desenvolvimento da Alemanha, em parceria com o Instituto Nacional de Audiovisual em Cinema (INAC – órgão que sucedeu o INC), com a Universidade de Bayreuth, com a Universidade Eduardo Mondlane e com o Instituto Cultural Moçambique-Alemanha, foi realizado o projeto “O Mundo em Imagens”, que se propôs a recuperar parte desse acervo. É a partir dos DVDs resultantes desse projeto que essa pesquisa se realiza. Estão disponíveis então 7 entre os 10 programas da primeira fase (sendo um deles uma “edição especial” que não conta na contagem oficial), bem como 28 entre os 30 primeiros programas realizados na segunda fase, todos eles datados do ano de 1981. Essa é uma amostra bastante relevante para refletir entre os anos de 1978 e 1981 em Moçambique.

<sup>8</sup> Entende-se aqui por Bloco Soviético o grupo de países aliados a União Soviética naquele período. Moçambique, apesar de oficialmente compor o movimento dos países não-alinhados, e nunca ter se tornado membro do COMECON, é um país muitas vezes apontado como parte do bloco, visto que se autodeclarava marxista-leninista e contava com uma série de apoios econômicos, técnicos e militares dos países desse bloco.

visitantes estrangeiros, além de focar também em um exército sempre alinhado prestando continências a eles.

Além disso, uma política de memória é estabelecida em todas as reportagens.<sup>9</sup> Sempre existe um destaque ao apoio que a FRELIMO recebeu dos visitantes durante a guerra anticolonial, discursos que apontam semelhanças entre o passado moçambicano e o desses países, filmagens deles visitando monumentos em homenagem aos guerrilheiros mortos ou, em especial, em homenagem a Eduardo Mondlane.<sup>10</sup>

A reportagem mais discreta entre essas é a relativa a visita de Pak Song-Chol. Nela, todos esses elementos estão presentes: a locução afirma que se trata de “um amigo do povo moçambicano” (*KUXA KANEMA 02*, 00:10 – 00:12); ele é recebido no aeroporto por um grande grupo de pessoas e por um exército alinhado que lhe presta continências; é associado a guerra anticolonial pela locução, que afirma que “esse país socialista da Ásia apoia-nos nessa fase da reconstrução nacional como fez na luta armada” (*KUXA KANEMA 02*, 00:32 – 00:38); é relacionado ao internacionalismo através de gritos que partem do povo com dizeres como “Viva a República Democrática da Coréia” e “Viva a Solidariedade dos Povos”; e se encontra com Samora Machel, tendo o encontro associado pela locução a questão dos “inimigos externos”: “sentimo-nos satisfeitos pela vossa presença nesta terra da África, nesta zona da África Austral ainda dominada por racistas. Diria o presidente Samora ao receber o representante do povo da Coréia” (*KUXA KANEMA 02*, 01:40 – 01:52).

Isso tudo se dá, entretanto, em uma reportagem de apenas 1 minuto e 57 segundos, sem grande tempo para a construção de uma narrativa mais elaborada. Além disso, é Marcelino dos Santos que recebe ele no aeroporto, destacando-se como o único dos casos nessa primeira fase em que não é Samora Machel que realiza tal recepção.<sup>11</sup> Uma vez que o presidente moçambicano se caracteriza como uma liderança carismática a ausência é bastante

---

<sup>9</sup> Autores como Pollack (1989), Le Goff (2003), e Ricoeur (2007) já demonstraram a importância das políticas de memória na constituição dos Estados, uma vez que os abusos da memória para fins ideológicos de construção nacional é uma prática nos estados-nação a partir do século XIX.

<sup>10</sup> Eduardo Mondlane foi o primeiro presidente da Frelimo após a formação do movimento em 1962. Com formação nos Estados Unidos, foi um importante intelectual para a luta contra o colonialismo na África durante a década de 1960. Foi assassinado em um atentado com bomba em 1969 atribuído a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), subordinada ao regime colonial português. Existem alegações, entretanto, de que ele teria sofrido uma conspiração por parte de membros da própria Frelimo que não concordavam com as posições do seu grupo dirigente à época.

<sup>11</sup> Marcelino dos Santos é uma das principais lideranças da Frelimo no período trabalhado. Foi membro fundador do movimento e um dos seus vice-presidentes. Após a independência, foi Ministro da Planificação e Desenvolvimento. A partir de 1977 tornou-se o presidente da recém fundada Assembleia Popular, onde permaneceu até 1994.

significativa na mensagem que se constrói.<sup>12</sup> Isso pode estar relacionado ao próprio caráter de vice-presidente de Pak Song-Chol, uma vez que era Kim II-sung o líder máximo do país.<sup>13</sup> Além disso, esse se mostra o visitante que representava menos interesses moçambicanos entre os presentes na amostragem da primeira fase do *Kuxa Kanema*, já que não possuía proximidades geográficas, e nem se trata de uma grande potência econômica.

Já o caso angolano é bastante distinto. Existiam uma série de similitudes e interesses em comum entre Angola e Moçambique naquele contexto. Ambos passaram simultaneamente por uma guerra contra o regime colonial português, tendo tido a descolonização no mesmo período de tempo, como consequência da Revolução dos Cravos em Portugal, de uma pressão política internacional, além do próprio andamento de suas respectivas guerras anticoloniais.<sup>14</sup> Além disso, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que foi privilegiado nas negociações com Portugal, tornando-se partido único do país, também foi apoiado pelo chamado “Bloco Soviético”, tendo influência ideológica desses países. Os dois ainda se localizam na África Austral, sendo aliados em diversas questões de interesse regional, compartilhando a Rodésia do Sul e a África do Sul como principais “inimigos externos”. Eles também passavam naquele momento por uma guerra civil em suas fronteiras contra grupos de oposição que são apoiados por agentes externos, além de verem na questão da diversidade étnica um problema na construção nacional. A própria maneira como essa diversidade foi combatida é semelhante em ambos os países. Assim sendo, uma aproximação entre eles era natural naquele contexto. É justamente essa proximidade que aparece sendo vista na reportagem analisada do *Kuxa Kanema*.

Nesse caso, ela possui 10 minutos de duração, mostrando a visita do presidente do país, Agostinho Neto.<sup>15</sup> Dessa vez, ela inicia-se com a recepção calorosa de Samora Machel ao líder angolano. Ambos são filmados conversando com o rosto próximo, enquanto Samora

---

<sup>12</sup> Samora Machel se encaixava no conceito de “líder carismático” definido por Max Weber em diversos artigos, reunidos no Brasil na coletânea “Ensaio de Sociologia” (1982). Esse tipo de liderança aparece para o autor como a autoridade que se constrói a partir da devoção as características, atos e caráter pessoais do líder, desenvolvendo um governo que se legitima devido especificamente a pessoa do líder. Matshine (2001) já destaca essa característica em Machel. Essa característica do líder moçambicano é mais profundamente analisada em Barbosa (2019).

<sup>13</sup> Um indicativo da relação de proximidade entre os países nesse período é que Kim II-Sung tornou-se nome de avenida em Maputo. Nesse sentido, a avenida assume um papel de “lugar de memória”, definido por Nora (1993), e possui um papel de memorização altamente relacionado com projetos de identidade..

<sup>14</sup> A Revolução dos Cravos aconteceu em Portugal em 25 de Abril de 1974. Liderado por militares da esquerda portuguesa, esse movimento derrubou a ditadura do Estado Novo, que dominava o país desde 1933. Uma das principais reivindicações dos revolucionários era justamente o fim das guerras que se perpetuavam nas colônias africanas, segundo Marxell (2006).

<sup>15</sup> Assim como já citado no caso de Kim II-Sung, Agostinho Neto também se tornou nome de avenida em Moçambique durante o período, fazendo parte das políticas de memorização do governo.

sorri. A população ostenta pequenas bandeiras da Angola enquanto um grupo dança e canta uma letra que exalta que “vamos apoiar a luta de Angola”. Na sequência, a cena é cortada para o discurso de Agostinho Neto, que afirma que “Angola e Moçambique podem estar uma vez mais em família [...] cumprir a regra de amizade e, com o contato, a regra da cooperação” (*KUXA KANEMA* 08, 01:20 – 01:44), dando evidência já a questão do apoio mútuo entre ambos, destacada anteriormente.

Agostinho Neto afirma ainda que chegando em Moçambique não se sente um visitante estrangeiro, mas um “moçambicano como Samora Machel [...] como se sentem moçambicanos os revolucionários militantes da FRELIMO” (*KUXA KANEMA* 08, 03:06 – 03:36), evidenciado que ele não está apenas ressaltando Moçambique, mas uma Moçambique específica, sendo aquela idealizada pela FRELIMO e pelo seu líder, os “verdadeiros moçambicanos”. Essa narrativa que vincula o país aos militantes da FRELIMO ganha ainda mais significado na sequência, quando ele passa a exaltar aqueles guerrilheiros que não viveram para ver os frutos de sua luta, exaltando Eduardo Mondlane. As imagens reproduzidas nesse momento mostram o presidente de Angola visitando o túmulo do primeiro presidente da FRELIMO, dando significado a questão da memória já citada.

Na sequência, é Samora Machel que discursa. Ele afirma que Agostinho Neto é um herói, combatente contra o colonialismo, contra o imperialismo e contra a exploração do homem pelo homem. “É o companheiro Agostinho Neto que fundou o MPLA, e fundou o MPLA quer dizer que organizou a unidade de Angola de Cabinda ao Cunene” (*KUXA KANEMA* 08, 08:12 – 08:30). Essa citação evidencia então a grande proximidade que se propõe entre os dois. Se o lema do governo de Samora Machel é “Moçambique unida do Rovuma a Maputo”, a afirmação de que Agostinho Neto organizou a unidade angolana “de Cabinda ao Cunene” é seu equivalente de Angola.<sup>16</sup> Os pontos aqui abordados: a luta anticolonial, os imperialistas e colonialistas como inimigos e a construção nacional, são os pontos em comum entre a FRELIMO e o MPLA, e mais uma prova de que a imagem construída é de igualdade e amizade entre eles.

A importância de sua proximidade em questões regionais fica evidente uma vez que a locução afirma que esse encontro foi o “abraço forte entre dois países amigos e vitória política para os povos da África Austral [...] ato de relevância maior nos estados da linha de frente e da

---

<sup>16</sup> A expressão “do Rovuma a Maputo” era um dos lemas do governo de Samora Machel, e indicava uma unidade nacional desde o extremo norte (Rovuma) até o extremo sul (Maputo), reivindicando a “moçambicanidade” de todas as populações nesse território, para além da diversidade étnica.

unidade africana”<sup>17</sup> (*KUXA KANEMA* 08, 09:19 – 10:02). Assim, essa longa reportagem demonstra que em termos domésticos Moçambique busca se apresentar como um país amigo de Angola, ratificando suas histórias e inimigos em comum, e evidenciando a proximidade de seus interesses e projetos.

Por fim, cita-se a Alemanha Oriental e a Bulgária, os únicos países da COMECON, grupo com o qual Moçambique buscava se aproximar devido a interesses estratégicos relacionados a sua economia e, especialmente, ao apoio militar. Além disso, Ferrão (2002) demonstra que os principais apoiadores do governo moçambicano vinham justamente desses países. Esse é um olhar necessário na análise das suas lideranças nas reportagens do *Kuxa Kanema*. A Alemanha Oriental e a Bulgária possuem, respectivamente, 15:29 minutos, e 7:15 minutos nas telas do cinejornal, o que já demonstra a importância que ganham nessa narrativa. É importante abordar aqui cada um desses países separadamente, analisando as duas reportagens. Entretanto, é fundamental também entendê-los como parte dessa unidade econômica.

Ferrão afirma que a Bulgária possuía um papel importante no apoio à agricultura moçambicana, enquanto a Alemanha Oriental estava presente nos setores de mineração, indústria e planificação econômica, além de apoiar o sistema interno, na organização do partido, educação ideológica, coordenação da propaganda e formação política. Segundo aponta Visentini (2013), a revolução nos dois países faz parte de um processo de avanço do antifascismo na Europa que se iniciou ainda no fim da Segunda Guerra Mundial e permitiu que a URSS se tornasse influente em todo o leste europeu. Foram esses os dois países do Leste Europeu com os quais o governo de Samora Machel demonstrou mais proximidade. Assim sendo, o visitante vindo da Búlgaria foi Todor Jivkov, o Secretário-geral do Partido Comunista Búlgaro e Presidente do Conselho de Estado da Bulgária. O da Alemanha Oriental foi Erich Honecker, que naquele período acumulava os cargos de secretário-geral do Partido Unificado da Alemanha, Presidente do Conselho Nacional de Defesa e Presidente do Conselho de Estado.

Essas reportagens possuem diversas similitudes entre si. Primeiramente, se existe uma narrativa visual que aparece de modo geral nessa primeira fase do *Kuxa Kanema*, já citada, aqui ela é ainda mais enfatizada. Em ambas se nota um grande período de tempo sendo dedicado a imagens do povo nas recepções, cantando músicas em homenagem aos visitantes e

---

<sup>17</sup> A Linha de Frente foi uma aliança no continente africano que durou entre as décadas de 1960 e 1990 e teve o objetivo de acabar com os regimes de minorias brancas na África. Angola, Botswana, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue fizeram parte da aliança ao longo de sua existência.

carregando bandeiras, tanto da Bulgária quanto da Alemanha. Os números de dança e o exército aparecem novamente, dessa vez filmados ainda mais detalhadamente. Além disso, faixas com o rosto de Samora Machel, e de Marx, Engels e Lênin são enquadradas pela câmera, demonstrando que o fator “marxismo-leninismo” do governo ganha maior evidência. Além disso, é aqui que o apelo em favor do internacionalismo se destaca. Samora Machel afirma que Jivkov é um grande internacionalista, que só está presente onde existe luta de classes e luta para criar a ordem. Já quanto a Alemanha Oriental, ele afirma que o apoio não veio apenas durante a guerra anticolonial, mas que depois houve o envio de professores e técnicos ao país para fortalecer seu desenvolvimento.

Novamente a política de memória se faz presente, buscando relacioná-los ao apoio na luta anticolonial. No caso do líder búlgaro, inclusive, o discurso de Samora Machel chega a afirmar que eles também foram colonizados, uma vez que “não é uma questão racial colonialismo, é um sistema”<sup>18</sup> (*KUXA KANEMA* 09, 03:03 – 03:08). Além disso, o presidente moçambicano afirma que na Bulgária a superação do colonialismo se deu para construir o socialismo. O claro apontamento de um passado em comum entre os países se faz visível então. Já o líder alemão é filmado visitando um monumento em homenagem aos heróis moçambicanos da luta anticolonial.

Outro detalhe que aparece aqui também é a questão do combate aos inimigos externos. Enquanto o político búlgaro afirma em seu discurso que Samora Machel é um guia do povo moçambicano no combate contra o imperialismo, a locução afirma que as primeiras palavras de Samora Machel ao receber Honecker foram “bem vindo a essa zona quente de nosso continente. Zona quente onde de armas na mão lutamos contra o racismo e o imperialismo” (*KUXA KANEMA* 10, 00:56 – 01:03).

Fica claro nessas reportagens então que a relação estabelecida com os países da COMECON possui alguns pontos que se destacam em relação aos outros países citados. Samora Machel e seu regime aparecem aqui com uma ênfase ainda maior em sua característica socialista. Se a afirmativa é de que o *Kuxa Kanema* buscou afirmar seu projeto marxista-leninista, fica claro que o apoio dos países pertencentes ao COMECON é um dos elementos fundamentais nesse processo. A espera dessa participação fica evidente também uma vez que se destaca muito o elemento “internacionalista” desses países. A própria questão

---

<sup>18</sup> Esse “colonialismo” afirmado por Machel que foi sofrido pelos búlgaros trata-se tanto do domínio do império otomano sobre aquele território quanto a invasão nazista sofrida pelo país. Fica claro, nesse sentido, que o objetivo do presidente moçambicano era estabelecer um elo entre os países através de uma memória manipulada, visto que esses processos citados são absolutamente distintos do processo colonial sofrido no continente africano durante os séculos XIX e XX.

dos inimigos externos, que sempre são apontados como os “racistas”, “imperialistas” ou “colonialistas”, e não diretamente como a África do Sul ou a Rodésia do Sul, já é uma forma de buscar relacioná-los com os inimigos desses países.

### **A política externa na segunda fase do *Kuxa Kanema***

A questão das relações internacionais é muito mais diversificada na amostragem da segunda fase do cinejornal. São apresentados agora seis países africanos, seja com líderes viajando a Moçambique, como na amostra da primeira fase, seja com imagens de viagens de Samora Machel ao exterior. Além deles os países da COMECOM voltam a ganhar espaço, tendo a Bulgária e a Alemanha com representatividade novamente. A Tchecoslováquia dessa vez se junta a eles. Agora se fazem presentes também países europeus que não fazem parte do chamado “Bloco Soviético”, o que indica uma mudança na política externa do país. São tratados ainda alguns encontros de autoridades internacionais, como um encontro da OUA no qual Samora Machel discursou, uma feira internacional que aconteceu em Maputo com representantes de vários países, e uma reunião que aconteceu em Moçambique sobre a questão da Namíbia, com políticos do continente africano e representantes da ONU.<sup>19</sup>

Essa diversidade se reflete também na narrativa construída. Se antes era possível apontar algumas questões em comum que estavam presentes, com maior ou menor intensidade, em todas as reportagens analisadas, o que se percebe agora é a existência de algumas narrativas que vinculam Moçambique de diferentes maneiras a países e situações distintas. Além disso, cabe destacar que a própria questão internacional é menos enfatizada, possuindo uma narrativa mais simplória que, de modo geral, se preocupa em colocar Samora Machel como uma liderança relevante a níveis internacionais, além de mobilizar contra os inimigos externos. Além disso, a montagem dos programas agora é muito mais ágil, de modo que todas as reportagens trabalhadas são bem mais curtas do que as vistas na primeira fase, dificilmente passando dos 3 minutos de duração.

Falando primeiramente dos países africanos, um primeiro grupo que se pode destacar inclui a Argélia, a Zâmbia, Botswana e Cabo Verde. Esses países, ao contrário daqueles que aparecem na primeira fase do programa, são caracterizados por um não-alinhamento mais

---

<sup>19</sup> Segundo indica Pini (2014) o projeto de independência da Namíbia está relacionado com a formação do Partido do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO), que em 1963 iniciou uma guerra contra o colonialismo sul africano na região. O conflito envolveu diversas autoridades estrangeiras, e, conforme demonstra o autor, teve um apoio muito cauteloso do “Ocidente”, obrigando o movimento a recorrer aos países de ideologia socialista. A própria URSS, entretanto, via o mesmo com muita desconfiança. Os países africanos de ideologia socialista, entretanto, demonstraram mais apoio a esse movimento, que conquistou a independência da Namíbia em 1990.

evidente, possuindo certa distância do chamado “Bloco Soviético”, tão enfatizado antes. A mensagem de amizade entre Moçambique e esses países se repete, e o maior foco está na cooperação regional ou no combate a inimigos externos. Enquanto na reportagem sobre a Argélia - que se trata da visita a Maputo do Secretário das Relações Exteriores do país, Coronel Silmane Hoffman - enfatiza a amizade existente entre a FRELIMO e a FLN, no caso da Zâmbia - que tem seu presidente Kenneth Kaunda em visita à cidade da Beira, no norte moçambicano - é a mobilização contra os inimigos externos que se faz mais presente, uma vez que, segundo afirma a locução, a estratégia dos imperialista e suas ações de desestabilização nessa zona foram os principais assuntos tratados no encontro entre Kaunda e Machel.<sup>20</sup> Ainda se aponta que o país está sofrendo ataques – diretamente - dos sul-africanos.

A Botswana, por sua vez, é mostrada apenas através de fotos, uma vez que foi Samora Machel que visitou o país, e não o contrário. Com exceção de uma foto, que é enquadrada muito rapidamente, em que ele aparentemente está abraçando Quett Masire, presidente do país no período, nenhuma liderança da Botswana se faz presente ou é citada pela locução. É Samora Machel que ganha destaque, aparecendo em indústrias, palestras e em meio a população do país. Nesse sentido, fica visível um personalismo que coloca Machel no protagonismo da pauta sobre política internacional. Enquanto essas imagens são passadas, a locução afirma que o país faz parte da Linha de Frente e que é um dos parceiros de Moçambique no desenvolvimento da África Austral. Já Cabo Verde é mostrada através da visita de Pedro Pires, primeiro-ministro do país, a Moçambique. Ele faz uma reunião com Samora Machel, onde os assuntos tratados, segundo a locução, foram a cooperação entre os países, além de ser o encontro “entre combatentes pela causa de liberdade de África e pelo desenvolvimento dos povos” (*KUXA KANEMA* 09, 01:56 – 02:01), repetindo a retórica já tratada.

É notável aqui o silêncio quanto ao processo que afirmou separação entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde. Segundo aponta Fernandes (2007), o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), projetado por Amílcar Cabral, sofreu com um racha em 1980, de modo que Nino Vieira, líder do partido na Guiné-Bissau, deu um golpe de Estado. Como resultado desses conflitos, o movimento foi dividido em dois. Pedro Pires foi um dos protagonistas desse processo, que levou a formação do PAICV e ao fim da união

---

<sup>20</sup> Tanto a Zâmbia governada por Kenneth Kaunda quanto a Argélia governada pelo FNL tratam-se de países com retóricas socialistas, entretanto com forte característica de não-alinhamento. Ambos os países apoiaram a FRELIMO durante a Guerra Anticolonial, recebendo inclusive escritórios do movimento em suas capitais. Entretanto, estiveram ausentes da narrativa do movimento na primeira fase do *Kuxa Kanema*.

entre os dois países. Sobre isso, é digno de nota que o PAIGC era um parceiro histórico da FRELIMO. Desse modo, ressalta-se aqui que no momento de uma cisão de um “partido amigo” da FRELIMO, como é o caso, o cinejornal não faz qualquer comentário sobre o processo. Isso pode ser explicado pela própria formação da FRELIMO, que possuía diversas linhas em conflito. Assim sendo, calar-se sobre essa situação em Cabo Verde faz parte da narrativa de coesão nacional e partidária que era do interesse do partido que estava no poder naquele momento.

O segundo bloco de países africanos abordados aqui, São Tomé e Príncipe e Congo, são, esses sim, países que se declaravam adeptos ao “socialismo científico”, buscando proximidade com o “Bloco Soviético”. O que se percebe, no caso desses dois países, é que aquela retórica que foca na união regional dos africanos se faz presente novamente, não diferindo tanto do bloco anterior. Nesses casos, entretanto, também existe uma maior exaltação da mobilização popular e da imagem das lideranças. Isso pode ser justificado pelo próprio caráter “popular” dos regimes marxista-leninistas, onde enaltecer uma massa popular engajada em torno de líderes socialistas ganha mais sentido.

O caso do Congo se materializa em uma visita de Denis Sassou-Nguesso, presidente do país. Ele é recebido de maneira fraterna por Samora Machel, com quem realiza uma reunião. Uma grande população animada em sua recepção é muito utilizada nas imagens. A locução afirma que ele disse que “Moçambique encontra-se na primeira linha de combate pela libertação do continente” (*KUXA KANEMA* 11, 04:45 – 04:54), destacando a retórica combativa do período e o protagonismo dado ao moçambicano.

Já no caso de São Tomé e Príncipe é o presidente, Manuel Pinto da Costa, que é recebido em Maputo. Quanto a esse país, cabe ressaltar as grandes semelhanças entre seu projeto e o de Moçambique (bem como de Angola, conforme já citado), que busca promover um “Homem Novo” socialista para além da diversidade étnica. A amizade entre os países, bem como o engajamento popular em sua recepção, é bastante enfatizada nessa narrativa também. Durante uma reunião que ocorre entre ele e Samora Machel, a retórica de combate aos inimigos regionais fica evidente, uma vez que a locução afirma que houve uma “identidade de pontos de vista políticos, desde a independência para a Namíbia, à crescente agressividade da gestão Reagan cujas consequências de veem hoje em Angola”<sup>21</sup> (*KUXA*

---

<sup>21</sup> Angola entrou em guerra imediatamente após sua independência, tendo o MPLA e a UNITA como os dois principais agentes do conflito. Com o passar do tempo, entretanto, o apoio a UNITA por parte da África do Sul e dos Estados Unidos cresceu muito, como maneira de se opor ao MPLA, apoiado por Cuba e pela União Soviética. Assim sendo, esse conflito torna-se cada vez mais uma guerra com proporções internacionais.

KANEMA 21, 01:25 – 01:34). Esse é também o único caso entre os países africanos dessa segunda fase em que a questão da memória aparece de forma mais explícita, uma vez que o presidente visitante discursa exaltando um passado de exploração em comum, visto que ambos foram colonizados por Portugal. A locução ainda destaca a importância dessa visita para acabar com uma imagem negativa que a população moçambicana tinha do país como herança do escravagismo, em clara manipulação da memória.<sup>22</sup>

Já os países do Leste Europeu, conforme citado, são três. A Bulgária está presente novamente, dessa vez em duas reportagens. A Alemanha Oriental também volta a aparecer, bem como a Tchecoslováquia, que se junta a eles. Esses países estão presentes de maneira muito mais contida, entretanto. Dessa vez nenhuma das lideranças do “Bloco Soviético” vai a Moçambique, e as referências aos países se dá apenas através de fotos ou de citações. Ainda assim, eles voltam a ser associados a prática de um “internacionalismo” e as políticas de memória.

A Bulgária é quem ganha mais espaço devido as comemorações do 1300 aniversário da fundação do seu primeiro Estado. Uma série de comemorações, organizadas por um comitê que possui Samora Machel como presidente honorário, são realizadas. José Luís Cabaço, Ministro da Informação à época, cita uma celebração em homenagem ao “povo irmão da Bulgária” (*KUXA KANEMA* 10, 06:58 – 07:00). Imagens do país são então reproduzidas enquanto a locução afirma que no ano de 681 afirmou-se a primeira nacionalidade búlgara. Logo, entretanto, a narrativa já pula para o ano de 1933, destacando a figura de Georgi Dimitrov.<sup>23</sup> Na sequência, Todor Jvikov ganha destaque como atual dirigente do país, que, segundo a narrativa está “ao serviço de seu povo e da paz no mundo” (*KUXA KANEMA* 10, 08:12 – 08:15). A reportagem seguinte relaciona-se exatamente com Jvikov. Uma exposição de fotos é feita justamente pela ocasião citada. O discurso destacou novamente a prática do internacionalismo militante, que seria comum nos países socialistas, e especialmente na Bulgária. Assim, percebe-se aqui uma continuidade na narrativa relativa a cooperação internacional e o caráter positivo do socialismo implantado no Leste Europeu, bem como a continuidade da política de memória.

---

<sup>22</sup> Ao contrário de outras regiões da África, em São Tomé e Príncipe não existia uma população local antes do domínio português nas ilhas. Assim sendo, o local foi o destino de muitos africanos que foram levados para trabalho forçado na região. Esse processo é descrito por Nascimento (2004).

<sup>23</sup> Georgi Dimitrov foi um militante comunista búlgaro. Secretário-geral da Internacional Comunista entre os anos de 1934 e 1943 enquanto vivia na URSS, retornou ao seu país após o exército vermelho expulsar a Alemanha Nazista do território para tornar-se seu principal líder. Faleceu em 1949. Aqui, existe uma forte relação com uma política de memória já citada anteriormente.

Essa narrativa se repete nas duas reportagens relativas a outros países da região. A República Democrática da Alemanha (R.D.A) aparece em imagens que apresentam o Major General Hama Thai acompanhando o embaixador da R.D.A em Moçambique a uma visita a uma exposição de fotos sobre o país europeu, inaugurando a semana de amizade Moçambique – Alemanha Democrática.<sup>24</sup> Ao mostrar as fotos, são as imagens de Samora Machel ao lado de Erich Honecker algumas das enquadradas. Enquanto isso, a locução afirma que “a semana foi ponto de encontro do internacionalismo proletário” (*KUXA KANEMA* 10, 00:44 – 00:48). Ainda é mostrada uma comitiva do país em visita a indústria do metal. Essa visita, segundo é afirmado, “serviu para mostrar os laços econômicos a cooperação em setores estratégicos da economia que une os dois povos” (*KUXA KANEMA* 10, 01:32 – 01:38). O destaque aqui fica então com o internacionalismo.

Já o caso da Tchecoslováquia trata-se sim de um encontro de Samora Machel com uma liderança tcheca, entretanto isso aconteceu no país europeu, de modo que foi retratado apenas por fotos. A presença do líder moçambicano ganha muito destaque em sua partida novamente, enfatizando sua relevância como líder carismático, entretanto o encontro em si apenas é associado a cooperação entre os países e a empreendimentos na agricultura e na indústria que serão feitos em conjunto, repetindo a retórica internacionalista.

Os dois países que aparecem como principais novidades nessa amostragem da segunda fase do *Kuxa Kanema* são Itália e Suécia. Eles possuem uma característica bem distinta de tudo o que foi apontado até aqui, visto que não representam países com interesses regionais em comum com Moçambique, e tampouco possuem uma proximidade ideológica com o país, pelo menos teoricamente. Ambos são não-alinhados que na época estabeleciam diálogos tanto com o “Bloco Socialista” quanto com os países alinhados dos EUA, mantendo status democrático. A aproximação com eles demonstra uma opção política muito mais aberta por parte de Moçambique.

A primeira reportagem a se fazer presente é referente a uma visita do primeiro-ministro sueco, Thorbjörn Fälldin. Ele chega a Moçambique junto a uma pequena comitiva no turno da noite, o que torna sua recepção bem mais contida e sem grandes características de culto a personalidade. Na sequência é mostrada uma reunião realizada entre as comitivas dos dois países, em que Machel e Fälldin sentam ao centro da mesa. A locução afirma que ela se dá visando o aprofundamento da relação entre os países. Assim sendo, aqui mostra-se que

---

<sup>24</sup> Hama Tai é um militar de destaque moçambicano, que durante o governo de Samora Machel possuía importância política e chegou a participar de reuniões e tomadas de decisão junto ao presidente.

essa narrativa que aponta os países estrangeiros amigos como relacionados a uma grande cooperação internacional se dá de maneira bastante diversificada.

Já a Itália aparece na mesma reportagem já citada em que a Tchecoslováquia se faz presente. Samora Machel é filmado chegando em Moçambique, e a viagem é contada apenas por fotos, uma vez que ele foi aos dois países. Essas fotos mostram o presidente moçambicano em reunião com o presidente italiano Sandro Pertini.<sup>25</sup> Além disso, ele também é fotografado discursando na cidade de Reggio Emilia.<sup>26</sup> Bem como, visitando o túmulo do padre Cesar Iberturi em Brescia, sobre o qual a locução constrói uma narrativa de memória, afirmando que “este padre italiano morreu em 1976 e foi um combatente da causa do povo moçambicano, denunciando as atrocidades cometidas pelo regime colonial fascista, e a sua aliança com a igreja católica portuguesa” (*KUXA KANEMA* 27, 01:18 – 01:33). Destaca-se assim que existe uma política de memória associada ao país, o que ganha mais significado uma vez que não se trata de um aliado da URSS.

Por fim, termina-se a análise relativa a questão internacional com as reportagens que não se tratam de um país específico, mas de outros momentos relevantes na construção de uma narrativa sobre a questão internacional. A primeira trata-se de uma reportagem sobre a décima oitava cimeira da OUA, que aconteceu em Nairóbi, capital do Quênia, e fala muito sobre essa narrativa que coloca Machel como um “player” da questão internacional. Enquanto algumas imagens da cidade são reproduzidas, a locução afirma que os três principais pontos desse encontro eram: a ocupação marroquina do território saariano;<sup>27</sup> a situação jihadiana;<sup>28</sup> e o conflito somali-etíope.<sup>29</sup> Nenhum desses assuntos diz respeito diretamente a Moçambique. Ainda assim, o presidente moçambicano é filmado aqui afirmando reconhecer o direito do

<sup>25</sup> Um dos ícones na resistência contra o fascismo na Itália, Pertini foi uma importante liderança do Partido Socialista Italiano (PSI) e também um grande opositor ao colonialismo. Assumiu a presidência do partido em 1978 e permaneceu no cargo até 1985.

<sup>26</sup> Segundo aponta Rinaldi (2014) a cidade de Reggio Emilia é conhecida a partir do fim da Segunda Guerra Mundial como uma cidade que, com a derrota do fascismo, implantou políticas progressistas em sua reconstrução. O modelo lá desenvolvido partia do pressuposto de grande participação da comunidade na administração dos espaços públicos.

<sup>27</sup> Filho (2010) afirma que esse conflito se dá no âmbito da descolonização da região do Saara Ocidental pela Espanha em 1976. Nesse momento, esse território foi ocupado então pelo Reino do Marrocos, na época governado por Hassan II. O movimento “Frente Polisário” afirma que é ele o representante do povo saarauí.

<sup>28</sup> A reportagem não esclarece muito quanto ao que se está abordando aqui. Entretanto, é relevante citar que Israel e Egito naquele momento realizaram algumas aproximações, que eram mal vistas pela Irmandade Muçulmana, de modo que no período houve um aumento da violência por parte do grupo. Meses depois desse evento, datado no início de julho de 1981, o presidente egípcio Muhammed Al Sadat foi assassinado por membros do grupo.

<sup>29</sup> A região do Chifre Africano é uma das mais conflituosas do continente, e ao longo das últimas décadas passou por uma série de tenções. Duas disputas estão em questão aqui: o próprio conflito entre Somália e Etiópia em torno da região de Ogaden, encerrado em 1978 com a Etiópia como principal vitoriosa, mas que deixou os ânimos acirrados entre os dois países; e o conflito da Etiópia contra a separação da Eritreia, que se resolveu apenas em 1991 com a independência da região.

povo saarauí e alegando que “resolvido o problema colonial do Saara estamos em condições de consagrar de uma maneira dinâmica, de uma maneira vigorosa [...] os esforços unidos da África na liquidação do colonialismo na Namíbia e do *Apartheid* na África do Sul” (*KUXA KANEMA* 11, 08:10 – 08:34). Apesar de realizar essa relação com os inimigos diretos da FRELIMO, fica evidente sua postura de autoridade perante questões continentais. Isso é também enfatizado na reportagem que retrata a visita de uma comissão da ONU a Moçambique para discutir a questão da Namíbia, dando esse protagonismo a Machel.

A última reportagem aqui trabalhada refere-se a uma feira internacional que estava acontecendo em Maputo, com comerciantes de diversos países expondo seus produtos. O presidente moçambicano fez uma visita a essa feira, retratada na reportagem em questão, verificando produtos, negociando com os estrangeiros, e estabelecendo boas relações com todos. Entre algumas bandeiras expostas no evento que são enquadradas pelas câmeras, podem ser percebidas a da Dinamarca, da Alemanha, de Portugal, do Brasil, da Grã-Bretanha e do México. O clima aqui é claramente o de negociações, evidenciando que Moçambique possui uma narrativa de abertura econômica. Os países das mais diversas doutrinas políticas se fazem presentes, acabando com a retórica de um alinhamento mais rígido com qualquer bloco econômico.

### **Considerações Finais**

A análise aqui proposta explicita alguns pontos importantes na observação da narrativa construída no cinejornal *Kuxa Kanema* sobre as relações internacionais moçambicanas. É evidente que a FRELIMO utilizou esse cinejornal, entre outros objetivos, para se posicionar perante essa questão, uma vez que ela ganha muito espaço na amostragem trabalhada, e mobiliza diversos símbolos visuais e retóricos que claramente estabelecem tomadas de posição nesse assunto.

Existem diversas rupturas nessa narrativa ao longo das duas fases analisadas. Entretanto, começamos aqui destacando as continuidades: o cinejornal é utilizado especialmente, ao longo de todo o recorte temporal, para destacar as relações de amizade estabelecidas pelo governo moçambicano com autoridades estrangeiras, reforçando uma mensagem de cooperação internacional e mobilização contra determinados inimigos externos. Isso é muitas vezes contrastado com imagens do exército e de grandes massas populares, que interagem de maneira eufórica com as lideranças políticas. Além disso, outra continuidade notável, ainda que com maior intensidade na primeira fase, é a utilização de políticas de

memória na busca por aproximação com os países visitantes. Assim sendo, pontos em comum entre os passados moçambicano e estrangeiro são sempre apontados na narrativa, reforçando que sua relação seria então mais longeva.

Por outro lado, algumas mudanças merecem bastante destaque: a primeira fase é focada, especialmente, em apontar uma proximidade com o Bloco Soviético e exaltar seu internacionalismo, como forma de buscar apoio. Todos os países presentes nessa amostragem possuem proximidades políticas com a URSS, e a própria retórica construída, muito mais focada em questões intercontinentais do que regionais, demonstra esse objetivo. Além disso, os inimigos apontados são definidos de maneira genérica como “racistas”, “imperialistas” e “colonialistas”, de modo que englobe também o inimigo dos países desse bloco econômico.

Já a segunda fase possui uma retórica muito mais voltada para os interesses regionais. Isso fica evidente uma vez que os países africanos são a grande maioria dos apresentados nesses programas. Além disso, o próprio discurso construído no cinejornal se dá mobilizando interesses muito mais relativos a Moçambique, e menos genéricos, como na primeira fase. Agora a questão da Namíbia aparece sendo citada diversas vezes, bem como a atuação de Ronald Reagan no continente e o regime do *Apartheid* na África do Sul. Além disso, essa fase presencia uma abertura política no país. Se na primeira a busca por apoio vinha exclusivamente de países aliados da URSS, na segunda a maioria dos países presentes possui uma característica mais forte de não-alinhamento. A atuação de Samora Machel é outra característica distinta agora, uma vez que ele não é mais um político passivo que simplesmente recebe visita e apoio de autoridades estrangeiras, mas sim um verdadeiro “player” internacional, que viaja para o exterior, se posiciona em questões externas e negocia com países de posições políticas diversas.

Isso demonstra então a importância de observar o contexto que permeia a construção das narrativas. Em um primeiro momento Moçambique buscava estabelecer um regime socialista e lidar com a guerra-civil que se iniciava no país. A importância então era garantir o apoio de grandes potências estrangeiras que pudessem dar suporte a esse processo. A narrativa construída buscou justamente afirmar esse apoio, apontando as relações externas moçambicanas muito relacionadas ao chamado Bloco Soviético.

No segundo momento, entretanto, essa procura havia se mostrado frustrada. No início da década de 1980, cabe lembrar, o país passava por uma grande crise econômica e humanitária, resultantes da guerra-civil que atingia o país. O apoio esperado do Leste Europeu nunca supriu as expectativas moçambicanas, e a candidatura recusada no COMECON é

reflexo disso. A narrativa coloca então o líder do país, Samora Machel, como uma grande liderança, capaz de buscar novos apoios, dialogar com os distintos países, se tornar relevante em questões regionais e negociar perante comerciantes estrangeiros. É uma clara demonstração de que o país é capaz de se tornar autônomo e diversificado em questões internacionais.

Assim sendo, o que se percebe é que a narrativa construída pelo *Kuxa Kanema* realmente serve aos interesses da FRELIMO nos diferentes contextos. Mais que isso, suas mudanças denotam justamente as rupturas no discurso desse movimento, que, através do cinema, buscou estabelecer uma memória no país, definir discriminadamente quem eram os amigos e quem eram os inimigos de Moçambique, bem como definir quem e o que de fato eram os Moçambicanos.

### Referências

- ARAÚJO, Michele. *Kuxa Kanema: o (re)nascimento do cinema*. In: CARELLIN, Fabiana; BUENO, Fátima; CUNHA, Maria. **Texto e Tela [recurso eletrônico]: Ensaios sobre cinema e literatura**. São Paulo: FFLCH/USP, 2014.
- AUMONT, Jacques et al. **A Estética do Filme**. Campinas: Papyrus Editora, 2002.
- BARBOSA, Pedro. **O Mito do Homem Novo: A imagem de Samora Machel no cinejornal Kuxa Kanema**. Porto Alegre: PUCRS, 2019.
- CHABAL, Patrick; BIRMINGHAM, David; FORREST, Joshua. **A history of postcolonial Lusophone Africa**. Indiana: Indiana University Press, 2002.
- CONVENTS, Guido. **Os moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: uma história político-cultural do Moçambique colonial até à República de Moçambique (1896-2010)**. Maputo: Edições Dockanema/Afrika Film Festival, 2011.
- DIKÖTTER, Frank. **The Cultural Revolution: A People's History, 1962—1976**. New York/London: Bloomsbury Publishing, 2016.
- FERNANDES, Antero. **Guiné-Bissau e Cabo Verde: da unidade à separação**. Porto: Universidade do Porto, 2007.
- PENNA FILHO, Pio. A difícil e esquecida questão do Saara Ocidental. **Boletim Meridiano 47**. Brasília: v. 11, n. 114, p. 3-5, jan. 2010.
- FERRÃO, Virgílio. **Compreender Moçambique**. Maputo: Editora Escolar, 2002.
- GEIGER, Luana. **A política nuclear norte-coreana: dissuasão, nacionalismo e relações regionais**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.
- GIDDENS, Anthony. **A terceira via**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.
- MALOA, Joaquim Miranda. O lugar do marxismo em Moçambique: 1975-1994. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 122, p. 85-92, 2011.
- MARTIN, Guy. **African political thought**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

- MATSINHE, Cristiano. A política cultural em Moçambique após a Independência (1975-1982). In: FRY, Peter. **Moçambique: Ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- MATSINHE, Laví. **Moçambique: Uma longa caminhada para um futuro incerto?** Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- MAXWELL, Kenneth. **O império derrotado: revolução e democracia em Portugal**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006.
- NASCIMENTO, Augusto. Escravatura, trabalho forçado e contrato em S. Tomé e Príncipe nos séculos XIX-XX: sujeição e ética laboral. Porto: **Africana Studia**, n. 7, p. 183-217, 2004.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. Porto Alegre: n. 10, p. 7-29, 1993.
- O MUNDO em Imagens I. **INAC**: 2012, Maputo.
- O MUNDO em Imagens II. **INAC**: 2013, Maputo.
- PINI, André Mendes. **A descolonização da Namíbia: as negociações**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989, p 3-15.
- PRASHAD, Vijay. **The darker nations. A Biography of the Short-Lived Third World**. New York: Left Word Books, 2007.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- SCHEFER, Raquel. O nascimento da ficção. **Poiésis**. Tubarão: v. 5, n. 9, p. 260-279, 2012.
- SHUBIN, Vladimir. **The Hot'' Cold War''**. London: Pluto Press, 2008.
- TAYLOR, Ian. The developmental state in Africa: The case of Botswana. In: MBABAZI, Pamela; TAYLOR, Ian. **The Potentiality of 'Developmental States' in Africa**. Dakar: CODESRIA, 2005.
- TAVUYANAGO, Baxter. RENAMO: from military confrontation to peaceful democratic engagement, 1976-2009. **African Journal of Political Science and International Relations**, v. 5, n. 1, p. 42-51, 2011.
- VIEIRA, Sílvia. O Nascimento do Cinema Moçambicano. Beira: **Cinema em Português**, p. 69, 2016.
- VISENTINI, Paulo. **Revoluções e Regimes Marxistas**. Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2013.
- WATKINS, Claire. Portuguese African Cinema: Historical and Contemporary Perspectives: 1969 to 1993. **Research in African literatures**, v. 26, n. 3, p. 134-150, 1995.
- WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1982.
- WESTAD, Odd. **The Global Cold War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.